



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP

MARLEY GUEDES DA SILVA

O USO DO APARELHO CELULAR EM SALA DE AULA

Macapá – AP
2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP

MARLEY GUEDES DA SILVA

O USO DO APARELHO CELULAR EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal do Amapá como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

Orientador: Alaan Ubaiara Brito.

Macapá – AP
2012



MARLEY GUEDES DA SILVA

O USO DO APARELHO CELULAR EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal do Amapá como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

Data de aprovação

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Alaan Ubaiara Brito.
Orientador:

Avaliador (UNIFAP)

Avaliador (UNIFAP)

RESUMO

O contexto atual requer mudanças no sistema educacional e cultural, bem como afirmações gradativas de transformação neste mesmo sistema, em especial na forma de ensinar dos professores em geral. Os educadores, quase que por obrigação, devem se instruir e imbuir-se de conhecimento e para ele para contribuir na intenção sem precedente tentar de alguma forma, solucionar problemáticas ocasionadas por transformações no mundo competitivo, estabelecendo por fim, o dever de aprender para ensinar. Com este objetivo, e de demonstrar e enfatizar a discussão sobre o uso de aparelhos celulares como ferramentas didático-pedagógicas é que se propõe essa discussão. Esta problemática em sala de aula necessita de debates aprofundados, apesar de não haver pesquisas que garantam que a utilização de celulares no âmbito escolar seja totalmente eficazes. De certo que não podemos negar que nos dias de hoje, não haja um aluno que não possua um telefone móvel dentro das escolas públicas, e principalmente nas da rede particular. Em geral, os celulares, se agigantam na escola seja pelas mãos dos alunos ou professores, desde que foram criados. Com essa intenção e considerando as possibilidades dessas tecnologias, tornarem-se verdadeiras demais para aplicação pedagógica ou didática que este projeto busca refletir criticamente sobre a comunicação e os processos educativos no ambiente escolar. Novamente, este projeto trata da natureza proibitiva do uso dos celulares em sala, destacando alguns estados que promulgaram leis que coíbem o uso do dispositivo, porém de suscitar algumas idéias de como utilizá-lo, considerando atividades sugeridas para a sala de aula. Sabendo de tais restrições, nossas escolas de ensino, não devem se negar em debater sua aplicabilidade ou não. Devem sim, tomar para si a responsabilidade ética de seu uso como aliada ao processo do ensino aprendizagem. E para idealizar a fundamentação teórica deste trabalho, utilizou-se como instrumento para coleta de dados, questionários aplicados a alunos da 6ª série do ensino fundamental de uma escola particular do município de Santana, a professores de diversas disciplinas da mesma escola, coordenador pedagógico, e diretora pedagógica, com a finalidade de conhecer a real situação em que a escola se encontra ao confrontar-se com propostas de utilização de tais recursos tecnológicos propostos, bem como sua estrutura e acessibilidade aos meios supracitados, valorizando a pesquisa com a enriquecida contribuição de professores e alunos.

Palavras-chave: Didático-pedagógico. Telefone móvel. Comunicação e Processos educativos.

ABSTRACT

The current context requires changes in the educational system and cultural, as well as statements gradual transformation of this same system, particularly in the teaching of teachers in general. Educators, almost by obligation, and should be instructed to instill knowledge and for him to contribute to the intention unprecedented attempt to somehow solve problems caused by changes in the competitive world, establishing finally the duty of learning to teach. With this goal, and demonstrate and emphasize the discussion on the use of mobile devices as didactic and pedagogical tools. This issue deserves classroom needs depth discussions, although there is no research to ensure that the use of cell phones in schools to be fully effective. In a sense we cannot deny that these days, there is a student who does not own a mobile phone in public schools, and especially in the private network. In general, cell phones, are magnified in the school is in the hands of students or teachers, since they were created. With this intention and considering the possibilities these technologies become true too didactic or pedagogical application for this project seeks to critically reflect on the communication and educational processes in schools. Again, this project addresses the prohibitive nature of the use of cell phones in class, noting that some states have enacted laws that prohibition use of the device, but to inspire some ideas of how to use it, considering the suggested activities for the classroom. Given such constraints, our schools of education should not refuse to discuss their applicability or not. Yes should take upon itself the ethical responsibility of its use as an ally to the teaching learning process. And to devise a theoretical foundation of this work was used as an instrument for data collection, questionnaires given to students in the 6th grade in a private school in the municipality of Santana, the teachers of various disciplines from the same school, pedagogical coordinator, and pedagogical director, in order to know the real situation in which the school is to confront proposals for the use of such technological resources offered, as well as its structure and accessibility to the above, valuing the research contribution of the enriched teachers and students.

Keywords: didactic-pedagogic. Mobile phone. Communication and Educational processes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1– Contexto histórico do uso do celular, vantagens e desvantagens.....	11
1.2– O uso do aparelho celular de maneira construtiva em sala de aula.....	12
1.2.1 O professor e a tecnologia.....	14
1.2.2 A escola e os vínculos com as tecnologias.....	15
2 CONTEXTO HISTÓRICO DO USO DO CELULAR EM SALA DE AULA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	18
2.1 As Implicações dos sujeitos “beneficiários” do uso de aparelho celular em sala de aula.....	18
2.2 Concepção dos educadores da escola sobre o uso de mídias.....	21
2.3 Repensando o uso do celular como recurso pedagógico e de que maneira contribui na formação da aprendizagem do aluno.....	23
3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA.....	25
3.1 Um breve entendimento da realidade pesquisada sobre o uso do aparelho celular.....	26
3.2 Um exemplo de planejamento, conteúdos e atividades didáticas.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A relevância de aprofundar o conhecimento em relação ao uso de novas tecnologias educacionais dentro de sala de aula entre professores e alunos, tendo em vista que a utilização dessas novas Tecnologias, dentre elas o celular como possível ferramenta pedagógica, este trabalho busca principalmente investigar o aprimoramento da prática educativa, se esta estiver baseada na compreensão das possibilidades e limites deste instrumento na concretização do papel educativo da escola. Mas qual será o papel que os professores estão realmente desenvolvendo para trabalhar fazendo uso didático do celular? Será que nossos alunos tem compreensão necessária para estabelecer uma linha de manuseio ético em sala de aula? Será que as atividades propostas podem ser aplicadas a todos de maneira a atingir todos os segmentos da educação?

Contudo a pesquisa teve por base algumas questões científicas, sendo estas: de que forma os professores estão utilizando a tecnologia no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos? Os professores estão utilizando os aparelhos celulares com caráter pedagógico nas escolas? Bem como se sugere algumas atividades a serem utilizadas, baseadas nas próprias metodologias dos professores em sala de aula.

Porém o objetivo principal desta pesquisa, não se detém em falar da importância do aparelho celular, mas sim em explorar a utilização do aparelho celular entre os agentes de sala de aula que em algumas situações acabam se transformando em rivalidades, às vezes nem sempre sadias ou bem interpretadas por alunos por ser cobrado pelo professor, e do educador ao identificar um aluno usando o celular em sala de aula e exigir que guarde para não causar transtorno no ambiente. Nesse contexto, este trabalho abordará as facilidades da utilização do aparelho celular, quais as vantagens e se existem viabilidades para a presença e manuseio deste ora amigo e ora “vilão” do trabalho de sala de aula.

No entanto, com a censura, perde a educação e perde a sociedade. Para Sérgio Amadeu, pesquisador de Comunicação Mediada por Computador e da Teoria da Propriedade dos Bens Imateriais, diz que *"não tem sentido você proibir que os estudantes tenham acesso a um meio de comunicação que cada vez mais vai adquirir importância na sociedade. Ao contrário, se a gente tem problemas do uso indevido nas escolas, esse é um bom lugar para ensinar como as pessoas devem se*

portar com o celular". Amadeu (2009) ainda ressalta: "Se existem algumas coisas ruins, como por exemplo, a pessoa usar o celular para fazer um joguinho em sala de aula ou para fazer ligações, isso requer uma postura da escola em relação aos alunos. Se é impossível ensinar um comportamento de uso de celular a um estudante, o que será possível?". Phebo (2009) complementa: "A lei só vê um lado da questão: o lado da falta de educação e desrespeito da utilização. Se os próprios educadores não tiverem um olhar diferenciado sobre como podem transformar a ferramenta celular de "vilão" em "mocinho", a lei continuará impedindo que este instrumento tecnológico de múltiplas funções possa se transformar em ferramenta didática".

Definitivamente, o que mais se faz em nossas escolas de acordo com as legislações em vigor é proibir, ou seja, se não sabe como lidar com a situação, livre-se dela, e é aí onde se erra geralmente se restringe o uso das mais diversificadas mídias dentro da escola, em regra geral se rejeita tudo aquilo que diverte ou atrai em demasia a atenção do aluno sem aplicação didática, não serve para estar no ambiente escolar.

É necessário ter a compreensão de que essas mídias, e aí destaca-se o telefone móvel, causam transtorno em sala de aula sim, para isso existe legislações ainda restritas somente a alguns estados que proíbem a diversificação e expansão de tais aparelhos no ambiente escolar, pois considera-se que este invento, depois da TV é uma das maiores criações da humanidade porém, deve-se fazer uma inter relação que enfatize essas ferramentas e permitem comunicar diferentes saberes, pois Para Alves, que evidencia em suas diferentes formas de interação com o mundo, as opiniões e idéias a respeito do ambiente ao qual estamos mergulhados, as novas linguagens praticadas, os currículos e as culturas praticadas cotidianamente, propiciam isso. (ALVES, 2001)

É evidente o aumento gradativo do número de alunos que se utilizam do aparelho celular, mas principalmente por se tratar de uma geração *hi-tech* (textuais), também chamada de "geração Polegar", devido à utilização deste dedo para interagir com seu "aparelhinho" e conseqüentemente com seus amigos e familiares através das redes sociais e serviços de mensagens de texto. Por ser móvel, ele vem deslocando também práticas antigas, criando novos usos através das aprendizagens não formais, às quais somos submetidos desde que nascemos (Oliveira, 2001:7), o

que se convencionou como meio de comunicação, desejo desde as primeiras manifestações de interatividade entre seres racionais capazes de desenvolver a fala.

Desta forma, este trabalho abordará primeiramente como se convencionou o objeto e o mecanismo de comunicação do ser humano desde que se utilizou o telefone fixo e suas variáveis até chegarmos ao que é hoje a coqueluche não só da juventude, mas de toda a humanidade, pois se tornou impossível se fechar os olhos para o fato de que a interatividade móvel transpõe barreiras inimagináveis de faixa etária de idade, pois manipular um telefone celular deixou de ser apenas um instrumento particular de, e para adolescentes, e sim de toda e qualquer pessoa que se propunha a descobrir as maravilhas que esse objeto tão pequeno e indispensável pudesse transformar a vida de tantas pessoas no mundo todo.

Porém mais do que isso, deter-se-á em aprofundar principalmente a análise do cotidiano das salas de aula, mais especificamente na relação existente entre professores e alunos do ponto de vista de cada um, na perspectiva do uso correto e com aplicação prática do celular em sala. Não só pela questão do ponto de vista do entendimento dessa aplicação, mas também da suscitação de reflexões daquilo que muito já se tem como literatura envolvendo esse tema, mas que até o presente momento não foi atinado.

Desse modo, buscando abordar uma relação entre as questões éticas em relação ao uso do celular em sala de aula, bem como as aplicações pedagógicas para as quais alguns professores ainda não atentaram. Até porque, para (Morin, 2001) com o auxílio da epistemologia da complexidade, procura-se pensar nos desafios do século XXI relacionando as exigências de um comportamento ético mediante as novas tecnologias presente na escola e na sala de aula.

Contudo, objetiva-se propor tais atividades, mas espera-se conhecer a opinião de professores e alunos, sujeitos de sua formação, como esta foi feita e observando se esta atividade lhes garantiu fundamentação e subsídios teóricos para que eles possam utilizar de maneira construtiva na sua formação pedagógica e didática, referentes a estas áreas. Trata-se também de investigar como o professor está se apropriando das novas tecnologias e principalmente do uso do celular na escola pesquisada.

Os mecanismos utilizados para a coleta de informações relativa a este estudo foi a entrevista aberta, e pesquisa informal de campo, tendo por sujeitos, professores da escola pesquisada (G. P. C), que ministram aula no sétimo ano do

ensino fundamental, para isso foram feitas visitas a escola, investigada no município de Santana, estado do Amapá.

Os dados coletados foram analisados e verificou-se seu conteúdo de maneira criteriosa e imparcial. Neste sentido, considera-se que o papel dos professores não deve ser apenas de apresentar os tipos de atividades utilizadas de forma teórica, e sim ensinar como utilizar os celulares didática e pedagogicamente, mas principalmente que os mesmos promovam a aquisição de conhecimento por meio de um objeto do qual seus alunos se interessam e sabem utilizar, provendo condições para que os alunos saibam utilizar o aprendizado na sua interação, para a sua realidade de vida.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa oportunizará aos estudantes conhecer alguns aspectos da realidade da escola pesquisada, levando-os a situações de como interagir, de maneira que este estudo venha instigar novos trabalhos sobre o uso dos aparelhos celulares nas escolas, e não só contribua, mas também alimente a busca de propostas para facilitar os trabalhos pedagógicos, mas também na aprendizagem dos alunos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Analisando o contexto histórico do uso do celular, vantagens e desvantagens

As primeiras tentativas de um grupo de engenheiros de revolucionar a comunicação e a história, tornando possível essa comunicação entre pessoas usando telefones sem fio, não era ruim, porém para a época e para a tecnologia do ano de 1947 parecia impossível, contudo a idéia não foi adiante. Porém a história só se estabeleceu realmente em 1973, quando foi efetuada a primeira chamada de um telefone móvel para um telefone fixo, foi a partir de abril de 1973 que todas as teorias comprovaram que o celular funcionava perfeitamente, e confirmava que a rede de telefonia sugerida em 1947, foi sugerida corretamente. Este é um momento marcante na história do celular e mudou para sempre a comunicação no mundo.

Aproximadamente na década de 90, com a privatização do setor de telefonia, os celulares tornaram-se mais populares entre os jovens, em especial os adolescentes. Em um mundo onde a tecnologia faz parte da vida de quase todas as pessoas, e o celular especificamente tornou-se para os pais, símbolo de segurança e controle. Para os filhos, veículo de comunicação e fonte de entretenimento e informação. E para a escola? Oficialmente, sinônimo de proibição. Para tanto, diversos estados e inclusive deputados e senadores brasileiros já tentaram por diversas vezes na Câmara e no Senado Federal transformar em lei de nível nacional, dispositivo para proibir o uso de aparelhos celulares em sala de aula, porém o texto que compreende o tema é bastante complexo, contraditório e antiético.

A justificativa para o não aproveitamento do celular em sala é que os alunos, não prestam atenção nas aulas, prejudicando de sobremaneira o processo de aprendizagem dos mesmos. Por outro lado, será que a proibição do uso não impede que novas metodologias de ensino possam vir a surgir com o intuito de melhorar a própria aprendizagem dos estudantes? Pois, de acordo com os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa, proibir acaba sendo a forma mais fácil de lidar com o tema. Na verdade, em pleno século XXI, ainda há educadores que são contrários ao uso do telemóvel em sala de aula e tentam justificar o não uso, afinal

jamais houve quem os preparasse para tal uso, e isso faz com que tenham uma visão empobrecedora do problema.

Assim, os professores se sentem inúteis, evitam o confronto e deixam de assumir novas ideologias frente aos desafios que se agigantam a sua frente. São eles que não querem se render ao novo, novas práticas pedagógicas, fazendo-os manterem uma visão e postura tradicional e em muitos casos autoritária e proibitiva, sendo deveras resistentes em implantar ao adequarem-se em reverter o uso desta tecnologia em seu favor.

Embora ainda se encontrem barreiras, percebe-se uma ligeira mudança tanto no pensamento dos educadores quanto na própria sociedade como afirma Guareschi (2005, p.33), pois para este autor, “Se a sociedade está mudando de forma tão rápida a escola não pode esperar, precisa se destacar, conhecer e explorar as preferências e interesses de sua clientela. Incluir a mídia televisão em seu espaço acadêmico é uma forma de fazer o diferencial”.

Porém não se trata somente de coisas positivas ou negativas, mas de pensar o que é repassado, como defende também Côrtes (2009, p. 18) “Atualmente, não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias; passíveis de aproveitamento didático, uma vez que os alunos voluntários e entusiasmamente imersos nestes recursos – já falam outra língua, pois desenvolveram competências explicitadas para conviver com elas”.

Nesse sentido a utilização do celular na educação não é mais uma opção, mas uma exigência desta sociedade. É imprescindível que o professor vença resistências, pois é um desafio, e vá a busca do conhecimento para que seja competente e atuar afinado com as tecnologias, pois, “O telemóvel é aquilo que nós fizemos do uso dele, e aqui compreende principalmente professores e alunos.

1.2 – O uso do aparelho celular de maneira construtiva em sala de aula

Com base na reflexão e partindo do pressuposto de que uma das principais funções da escola é formar, através de seu processo de ensino-aprendizagem, a consciência crítica do indivíduo, sendo que ensinar não é uma mera transmissão de conhecimento acumulado, mas criar possibilidades para a sua própria construção.

Assim, se faz imprescindível, hodiernamente, pensar a educação com uma instância de construção de conhecimentos que saiba lidar com os meios tecnológicos disponíveis na sociedade, pois:

A partir das diversas transformações tecnológicas o professor ganha novas formas de ensinar chamando a atenção de seus alunos para as informações a serem recebidas. Fazendo com que o professor saiba utilizar as possibilidades disponíveis. Dos laptops mais baratos aos telefones que fazem de tudo, surgem instrumentos, cada vez mais ao nosso alcance, que abrem novas perspectivas para a pesquisa, o transporte e consumo de bens culturais, a troca de mensagens e para atividade de autoria de todos os tipos. Resta saber se a escola saberá explorar essas possibilidades (RISCHBIETER, 2009, p.56).

Dessa forma, ao usar os meios tecnológicos e seus suportes diferenciados, o professor pode contribuir para a constituição de sujeitos aptos a interagir com o mundo e a assumir posições comprometidas nos múltiplos espaços virtuais de que a telefonia móvel dispõe. Se por um lado, é indiscutível a importância dos meios tecnológicos em todos os setores da vida social, por outro, e de não menos importância é reconhecer o papel que a educação tem no desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

O que se pretende, perpassa a condição de subjugar um ao outro desses dois campos tão próximos e tão interativos que apesar de operarem segundo lógicas distintas, estão em relação freqüente. Em síntese, operando com lógicas de aprendizagem distintas, podem constituir um campo comum no qual circulam saberes e fazeres em prol de uma educação que considere o sujeito em sua dimensão integral. E de uma comunicação que não se perca nas tecnologias, às vezes, consagradas e celebradas equivocadamente como a solução de todo e qualquer problema.

Mas, o grande desafio que se coloca quanto ao impacto da tecnologia na educação, mais precisamente no cotidiano da prática docente é de como trabalhar com os novos meios digitais de forma a favorecer o processo de ensino-aprendizagem, não só de forma ética e legal, mas também educando para o uso correto de tais recursos, pois:

[...] como toda novidade, a internet (para citar apenas um dos meios digitais) ainda é usada sem limitações o que nos traz uma grande preocupação. É certo de que se trata de uma ferramenta que proporciona maravilhas além de auxiliar e potencializar a disseminação do conhecimento, mas devemos

estar atentos, precavidos, orientando nossos alunos em como se protegerem das ameaças eletrônicas (PRENSKY, 2004, p.1240).

Alem desses novos desafios que impacta a inserção das novas tecnologias na educação, este novo cenário também exige uma nova formação docente e profissional do professor no qual assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, tecnológica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação e reflexão de como dialogar criticamente com a historia da educação e da comunicação, da escola e da mídia, recuperando autores e idéias, projetos e iniciativas que possibilitem articular a interface tecnologia e educação em termos de propostas, conteúdos, metodologias, de formação e atuação profissional (IMBERNÓN,2000).

1.2.1 O professor e a tecnologia

Antes de adentrar na questão já mencionada por vários autores do fato de que as instituições de ensino devem utilizar de maneira interativa as tecnologias, este trabalho deter-se-á também a verificar de que forma o aparelho celular pode e deve ser aproveitado didaticamente dentro das salas de aula e principalmente o trabalho do professor e sua habilidade ou não com essas novas tecnologias.

O campo que une educação e tecnologia representa um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas pedagógicas de formação de indivíduos. E a constituição desse campo é notoriamente uma tarefa complexa que pressupõe do professor o reconhecimento das novas tecnologias como outro lugar de saber que também forma, condiciona e influencia o processo de formação.

O maravilhoso da nova era da tecnologia digital móvel e que se tem mais opções, embora também se tenha de fazer mais escolhas. É nesse mosaico informal, veloz e disperso que as transformações tecnológicas atuam e que educador e educando, habituados aos alicerces de um sistema educacional pautados na racionalidade iluminista, trabalhando de modo seqüencial, ordenado e sistemático, tem de:

[...] pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar, distinguir e inter-relacionar informações oriundas dos meios tecnológicos e de tantos outros, e de conhecimentos fornecidos pela escola (MELO, 2008, p.49).

Essa complexidade obriga-os a reinventar conceitos, adequar-se a esta nova realidade. Portanto, o que se discute nessa relação professor e tecnologia, não é a utilização dos meios tecnológicos como apoio pedagógico na sua prática docente, mas a sua forma de utilização dentro e fora da sala de aula.

Os alunos vivem em época de amplas mudanças, as quais parecerem ser tão sensacionais que podem muito bem vir a sobrepor as que foram vividas em eras anteriores pelos seus professores. Em síntese, impõe poder da ciência e da tecnologia e o caráter inexorável da globalização, em detrimento da educação no seu sentido formal que na maior parte tem sido muito conservadora face às essas mudanças que exigem novas formas e processos educacionais, mesmo que os professores mantenham apegados a certas habilidades e certos valores que podem estar em risco.

1.2.2 A escola e os vínculos com as tecnologias móveis: novos paradigmas, novas tendências e condutas.

Para os que cresceram em meio às novas tecnologias digitais, os mundos físicos e digitais não são diferentes. Eles aceitam a tecnologia, sem medo, e assim têm mais experiências para criar estratégias a fim de lidar com ela. Tem tudo o que precisam para se comunicar com qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, sem ter de sair de casa: televisão, correio eletrônico, computadores, *blogs*, telefones celulares com inúmeras funções, telas interativas, *software* social, comunidades virtuais. Quando precisam de informações, buscam e encontram *on-line* e compram coisas em lojas virtuais, cuja maior parte dos produtos pode se pedido e entregue em qualquer lugar. Criam todo um *playground* digital para suas vidas, onde a distância e a aparência parece não ter mais importância (TEIXEIRA, 2008).

Então, como isso tudo se mistura, estes mundos físicos e digitais? São notáveis como os alunos aprenderam a viver com a tecnologia sem esforço e atenção especial. As crianças são inquisitivas e interessadas por natureza e, assim, quando vêem algo que as interessa, elas investigam. Quando querem algo, tentam conseguir-lo. Quando gostam do que sabem, querem mais daquilo e melhor. Portanto, na era da informação, a tecnologia móvel provocou profundas mudanças na maneira como a sociedade trabalha, aprende e se diverte. Os telemóveis

tornaram-se numa das tecnologias de comunicação de mais rápido crescimento (CAMPBELL, 2006) e atualmente a maioria dos telemóveis tem a capacidade de um PC dos anos noventa (PRENSKY, 2004).

Existe, porém, algumas outras mudanças interessantes em curso na sociedade em função dessas tecnologias digitais. Os telemóveis diminuem o esforço necessário para acessar informações ou se comunicar com as pessoas. Ela praticamente rompe barreiras geográficas e, com os programas de tradução, em pouco tempo, poderão se comunicar com qualquer pessoa, independentemente de sua língua nativa. Com todas essas mudanças e oportunidades, alguns professores alegam um excesso de informações e comunicação para administrar e se estressam para acompanhar as mudanças promovidas pela tecnologia.

Além disso, a crítica na maneira como os jovens se relaciona, a falta de atenção e dispersão dos alunos provocados pelo uso do aparelho, fundamenta a alegação de que o telemóvel é de fato um elemento de distração e que, por conseguinte, impede de ser usado como ferramenta pedagógica na aula, levando a criação leis e regulamentos internos proibitivos.

Para os defensores de um ambiente de aprendizagem suportados por tecnologias moveis o utilizador além da maior riqueza de informações e comunicação, também tem mais escolhas individuais de selecionar o que não precisa. Eis algo que norteia toda a atividade dos novos telemóveis: eles “*zapeiam*” entre as diversas fontes de informações para evitar as partes desinteressantes. Ou seja, o que se poderia pensar que é uma reduzida capacidade de atenção é, na verdade, uma escolha de prestar atenção a outra coisa mais interessante, pois:

A instituição que educa deve deixar de ser um lugar exclusivo em que se aprende apenas o básico (as quatro operações, socialização, uma profissão) e se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade, para revelar um modo institucional de conhecer e, portanto, de ensinar o mundo e todas as suas manifestações (IMBERNÓN, 2000, p. 09).

Destarte, percebe-se que a utilização das tecnologias na educação não é mais uma opção, mas uma exigência dessa sociedade na qual a revolução tecnológica está determinando uma nova ordem socioeconômica nos mais variados campos da ação humana, essencialmente na área da educação. Nesse sentido é

imprescindível que o professor vença a resistências e fique atenta às mudanças e às novas práticas pedagógicas que surgem como o *moodle* (Ambiente de Aprendizagem Dinâmica Modular Orientada para Objetos) uma plataforma de ensino *on-line* que está revolucionando o processo de ensino-aprendizado. Um *software* livre, gratuito, que serve de apoio à aprendizagem e que constitui uma excelente ferramenta de gestão em ambiente virtual. Como ferramenta de educação *on-line*, o *moodle* consolida-se como proposta multidisciplinar no ensino-aprendizagem, na medida em que integra uma diversidade de atividades, linguagens, textos e áreas do conhecimento que dialogam em constante interação.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO USO DO CELULAR EM SALA DE AULA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Sendo o ambiente escolar a unidade de informação e comunicação pautadas em ações planejadas, cabe-lhe espaço que permitam adaptações às exigências do momento tecnológico. Em síntese, o ambiente escolar deve ser:

“um meio social baseado na informação e nas comunicações; a tendência a que tudo seja planejado; uma situação de crise em relação ao que se deve aprender e/ou ensinar em um mundo onde imperam a incerteza e a mudança vertiginosa; o novo papel do educador como gestor e mediador de aprendizagem” (IMBERNÓN, 2000, p. 80).

Porem é necessário alguns cuidados antes de reformular práticas instituindo a obrigatoriedade do uso do telefone celular na escola. Portanto, é preciso sempre propor ações didáticas que envolvam o uso do celular para grupos de alunos em que pelos um aluno do grupo disponha do celular como recurso que será utilizado na atividade. Além disso, é possível que todos tenham domínio sobre o aparelho e saibam melhor que os seus professores a usá-los, desde que se estabeleça e permita que os alunos aprendam a usar o recurso antes de propor-lo como parte de uma atividade e/ou procedimento de resolução do problema, além de discutir as questões éticas e morais envolvidas no uso de imagens e registros, bem como o uso indevido dos celulares e de outros equipamentos de mídia em situação de aprendizagem (ANTONIO, 2010).

2.1 As implicações dos sujeitos beneficiários do uso de aparelho celular em sala de aula.

A propósito, o grande desafio e as implicações que envolvem o uso do aparelho celular na sala de aula como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem diz respeito a desvios e volteios virtuais que possivelmente pode ocorrer e sabotar todo o processo que se inicia. Assim, a questão volta ao pedagógico e incide no professor e na sua prática metodológica. Na busca epistemológica do uso do celular como ferramenta pedagógica, não basta que o

professor tenha acesso à tecnologia para ter o domínio pedagógico, há um tempo grande entre conhecer, utilizar e modificar processos. E esse tempo, de capacitação pedagógica, não pode ser cronologicamente gregoriano e pontual. A formação exige prática, exige um pensar-fazer de dentro e para dentro do próprio fazer-pensar, para que se aprenda, na prática, a utilizar (técnico e pedagogicamente) da ferramenta a qual se pretende usar para auxílio escolar (MORAN, 2007).

Também Freire (1996) faz um alerta sobre a formação inicial e continuada mostrando que o professor deve ser uma pessoa bastante crítica, dessa forma:

Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso denunciar se não conheço. (...) Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Eis aí a grande responsabilidade do professor perante a imensa demanda de produtos tecnológicos em questão (FREIRE, 1996, p.28).

Assim, o papel do professor sempre será importante independentemente do que supunha ser, erroneamente para alguns, uma sociedade sem escolas mediante a era das grandes inovações tecnológicas, onde tudo se aprende. Aliás, Ivan Illich (1977) preconizou em décadas passadas em seu livro *Sociedade sem Escolas*, antes do surgimento da Internet, o ensino através de “teias de aprendizagem”. O tema voltou a ser discutido pelo renomado professor português Antonio Nóvoa (1992), diante da violência escolar e os desafios dos professores mediante a indisciplina, como uma verdadeira “escolas sem sociedades”

Parêntese a parte, não é difícil negociar o que pode e o que não pode, quando se deve e quando não se deve usar o celular. No cotidiano do trabalho docente, os professores fazem isso da mesma forma como estabelecem outras regras de convivência na escola. Os conflitos mais comuns que podem surgir devem-se justamente à falta de uma definição clara das regras de uso dos celulares na escola de maneira geral e, em particular, durante as aulas em que não está usando o celular “como parte da aula”.

Também é importante discutir com os alunos os limites éticos e morais do uso do celular e de outros instrumentos tecnológico modernos, fora da escola. Afinal, o celular é parte do cotidiano deles e ensiná-los a usá-los com sabedoria é também uma das funções profícuas da tarefa de ensinar.

Mas o que se pode fazer, de fato, na sala de aula, com o uso do celular no processo de aprendizagem? Atualmente o celular é o meio mais fácil e rápido de se trocar informações que gera, portanto uma grande interatividade. Com esta ferramenta de custo, muitas vezes mais acessível que um computador, o professor tem possibilidade de interagir com seus alunos enviando links, arquivos de vídeo, imagens, musicas e até as “lições de casa”.

É possível fazer uso dos aparelhos inclusive para explicar aos alunos sobre as ondas eletromagnéticas quando nos comunicamos através do celular e de que forma estas ondas invisíveis são enviadas de um aparelho para o outro em uma velocidade extremamente rápida. Como um sinal chega de um ponto a outro e as diferenças utilizadas atualmente entre CDMA, TDMA, GSM e 3G, estendendo às ondas sonoras e sinais de rádio (SOUZA, 2009).

Há inúmeras possibilidades, com auxílio do celular, na produção de materiais a serem utilizados na sala de aula como gravação de vídeo, imagens e sites onde estes materiais estariam disponíveis na WEB para que alunos pudessem interagir discutir em sala de aula o conteúdo do material produzido com o uso do celular. Além das funções comuns dos celulares para serem explorados como câmeras, calendários, calculadora, é possível transformar o telefone celular em algo parecido com um pequeno computador para uso em sala de aula através de instalação de software que impedem estes aparelhos de realizar e receber ligações, nem enviar mensagens (SOUZA, 2009).

Outras experiências e sugestões pedagógicas são listadas por Antonio (2010) para o uso pedagógico dos telefones moveis em sala de aula e fora dela:

[...] se você em algum momento faz cálculos em salas de aulas e solicita que os alunos os façam, e a menos que por alguma boa razão eles devam fazer esses cálculos com algoritmo específicos e usando papel e lápis, então considere fortemente a possibilidade de usar os celulares como calculadora. Além disso, se você é professor de matemática e quer ensinar seus alunos como resolver expressões aritméticas obedecendo as regras de procedência de operadores, considere que o uso de calculadoras, e portanto celulares, consiste em um método bastante eficaz de fazê-lo, pois as máquinas seguem a ordem que nós determinamos para as operações. Se você marca datas de provas, entregas de trabalho ou outras datas que considera importante que os alunos se lembrem, peça-lhes que anotem essas datas (...) na agenda do celular que tem mecanismos de alerta. Já é possível criar serviço de envio de mensagens de aviso por e-mail ou via torpedo. Pelo celular é possível receber atualizações de sites, blogs e até mesmo de mensagens de Twitter, bem como fazer o caminho oposto. Se quiser dar um passo adiante você pode criar um serviço desses e

disponibilizar para seus alunos; o telefone celular também é um serviço de leitura de notícias e de publicação de notícias (ANTONIO, 2010, p.05).

Portanto, o desafio de ampliar as habilidades e tornar as aulas mais atrativas deve ser motivado pelo fato de que a prática docente assume atualmente um papel imprescindível na exploração das tecnologias da informação e comunicação existentes na escola.

2.2 - Concepções dos educadores na escola sobre o uso de mídias

Reconhecer o poder e o fascínio que os meios de comunicação exercem sobre as pessoas e, em especial, os alunos é tarefa imprescindível para professores que procuram adotar em sua prática docente o uso das tecnologias que há na escola. Muito embora essas novas tecnologias sejam viáveis, ainda existem algumas barreiras que precisam ser transpostas.

Uma delas são as políticas públicas de incentivo por parte do governo em promover a inclusão digital. Outro fator preponderante é da acessibilidade a tais recursos, pois a realidade da escola pública são de limitações que vão dos pouquíssimos recursos financeiros e didáticos, da estrutura física que não oferecem condições mínimas de trabalho e segurança, à carência de profissionais. Nesse contexto, a idéia que se tem da profissão docente diante dos desafios da chamada sociedade globalizada, do conhecimento ou da informação é:

[...] que a profissão docente foi um campo repleto de misticismos, de conhecimento cheio de contradições. Avançou-se mais no terreno das idéias e das palavras que no das práticas alternativas de organização. É preciso desenvolver novas práticas alternativas baseadas na verdadeira autonomia e colegialidade como mecanismos de participação democrática da profissão que permitam vislumbrar novas formas de entender a profissão, desvelar o currículo oculto das estruturas educativas e descobrir outras maneiras de ver a profissão docente, o conhecimento profissional necessário, a escola e sua organização educativa. Para tanto, temos de compreender o que ocorre ante as especificidades relativas às áreas do currículo, às estruturas espaços-temporais que impedem novas culturas de organização, à participação ativa da comunidade, à dinâmica e a comunicação dos grupos, à escolarização pública, à veloz implantação das novas tecnologias da informação [...] (IMBERNÓN, 2000, p. 37).

No entanto, a realidade cotidiana de grande parte das escolas brasileiras é de espaços públicos que servem a comunidades carentes desprovida de qualquer recurso tecnológico que possa suplantar a aula tradicional. Evidentemente que, além das limitações e condições existentes nas escolas públicas e das posições contrárias à tecnologia na educação, cuja política educacional visa tão somente munir suas dependências com artefatos tecnológicos, há de considerar o discurso dos que defendem a inserção da nova tecnologia baseados nas mazelas das escolas, deixando claro que os professores são avessos a mudanças. É um discurso que tenta convencer da importância dos objetos virtuais, apresentados em telinhas bidimensionais em detrimento da aprendizagem que ocorre com objetos concretos em tempos e espaços reais (CYSNEIROS, 1999).

Quanto a isso, Libâneo (2000) é muito enfático diante das vicissitudes e impasses atuais da Pedagogia:

Assim, enquanto assistimos ao desenvolvimento e aos desdobramentos de uma sociedade eminentemente pedagógica, com a força dos meios de comunicação social, pela difusão de signos, pela capacidade da mídia em fazer as cabeças, no meio educacional se discute se há pertinência ou não de uma ciência pedagógica, se deve ou não existir um curso de Pedagogia, se existe ou não trabalho para os pedagogos, se o licenciando precisa ou não de formação pedagógico-didática, se a escola resiste ou não à crítica pós-moderna. Esse paradoxo é mais expressivo do que parece. Ele estaria revelando, por exemplo, algo que há muito tempo se diz: muda a sociedade e somente mais tarde muda a educação. Estaria revelando, também, que muitos teóricos e pesquisadores da educação (principalmente os que não se dedicam aos temas propriamente pedagógicos) são extremamente dedicados a fazer especulações genéricas sobre questões educacionais conexas ao seu próprio campo de investigação, mas pouco atentos ao que ocorre na sociedade e no cotidiano da escola. Estaria revelando, ainda, um alto grau de corporativismo intelectual marcado pela disputa de espaço profissional: a ironização do campo de atividade propriamente pedagógica estaria se dando em função de fortalecer outros campos profissionais (LIBÂNEO, 2000, p. 152).

Muito embora se tenha de perseguir o ideal de uma aprendizagem estimulante e auto motivadora, sabe-se que além do prazer da descoberta e da criação, faz-se necessária disciplina, persistência, suor, tolerância à frustração, aspectos do cotidiano do trabalho docente do aprender e do ensinar que não serão eliminados por computadores. Apesar de que o uso pedagógico das novas tecnologias é algo relativamente incipiente nas salas de aula.

2.3 Repensando o uso do celular como recurso pedagógico e de que maneira contribui na formação da aprendizagem do aluno.

Prenúncio de mudanças no sistema sociocultural presente a tecnologia móvel tem se mostrado, especificamente no ensino superior, numa perspectiva de ser uma tecnologia educativa, como um recurso para reinventar a didática e superar o esquema obsoleto da aula tradicional. A temática do uso do celular (aqui entendida como uma tecnologia da comunicação instrumental ou virtual, no caso da internet) no âmbito escolar assume um caráter de informalidade pelo uso de professores e alunos que antecedem planos e projetos pedagógicos.

Esse caráter de informalidade, de certo ponto fundamenta as críticas quanto ao uso do celular como suporte pedagógico, pois:

[...] define a educação informal como processo contínuo de aquisição de conhecimentos e competências que não se localizam em nenhum quadro institucional, acrescentando ainda o seu caráter não-intencional (...) utiliza-se do termo para identificar práticas educativas decorrentes da impregnação do meio ambiente perante o qual os indivíduos precisam adaptar-se. Entendendo, todavia, que o termo informal é mais adequado para indicar a modalidade de educação que resulta do clima em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal. Tais fatores ou elementos informais da vida social afetam e influenciam a educação das pessoas de modo necessário e inevitável, porém não atuam deliberadamente, metodicamente, pois não há objetivos preestabelecidos conscientemente (LIBANEO, 2000, p.83).

Mas será que o celular realmente em nada contribui no processo de construção de conhecimentos dos alunos? Se inserido em aulas bem planejadas o celular pode torna-se um grande aliado do professor na tarefa de subsidiar a construção do saber? De que forma a utilização de telefones em sala de aula desvia a atenção dos alunos, influenciando negativamente no rendimento escolar? E o que dizer das inovações tecnológicas já existentes nas escolas que não são utilizadas para a melhoria da qualidade de ensino?

Segundo Freire (1996, p. 65) “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. Onde educador e educando deve conhecer sua realidade, para poder inserir-se de maneira crítica e atuante na vida social e política. No entanto, as aplicações tecnológicas já existentes nas escolas

não funcionam para a melhoria da qualidade do ensino e nem tampouco mexe com a rotina da escola. Pois são praticas didáticas com formas de uso conservadora que não muda a posição relativa do aluno na situação de aprendizagem (CYSNEIROS, 1999).

Diante disso não dá para se falar em educação e esquecer os avanços tecnológicos inseridos na vida social do ser humano. Portanto, se faz necessário uma ampla discussão e reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida na sala de aula, que com a utilização das mídias pode-se obter uma aprendizagem significativa. O professor deve estar em constantes transformações, se atualizando em todos os aspectos que envolvem a educação como um todo. Pois segundo Perrenoud (2000, p. 139) “mais que ensinar, trata-se de fazer aprender (...), concentrando-se na criação, na gestão e na regulação das situações de aprendizagem”.

Essa mudança de atitude em relação à participação e compromisso do aluno e do professor no processo que ensina e aprende, uma vez que o olhar o professor como parceiro idôneo de aprendizagem será mais fácil visualizar seus parceiros como colaboradores para o crescimento, isto já significa uma mudança qualitativa importante e fundamental de mentalidade no processo de aprendizagem (MASETO, 2000).

METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

As atividades desenvolvidas ocorreram na escola Grupo Perspectivas Construtivas – G.P.C, um colégio considerado de médio porte, de iniciativa privada, situada na zona urbana do município de Santana. Para responder os instrumentos de pesquisa, foi solicitado a 23 professores das diversas disciplinas, e por amostragem, 150 alunos das turmas do ensino fundamental de um total de 250. Todavia, faz-se necessário esclarecer que os sujeitos da referida arguição, se deu de forma aleatória.

Esta coleta de dados se consolidou através da técnica de entrevistas, considerando somente os principais agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem, ou seja, professores e alunos, por meio da estratégia elaborada de maneira a não influenciar nas respostas e tão somente levantar dados. Utilizou-se ainda, questionários com perguntas semi-abertas para certificar os fatos e ao final, fazer uma análise e repassar os índices levantados a escola para demonstrar a viabilidade do uso do celular em sala de aula.

Na análise, enfatiza-se os pontos de vista divergentes entre professores e alunos quanto ao assunto tratado, bem como quais as utilidades e suas implicações para o processo ensino-aprendizagem. Os dados levantados junto aos professores darão suporte ao trabalho dos mesmos e mostrar diferentes tipos de aplicação do aparelho e uma nova postura organizacional e planejada, poderá influenciar positivamente na questão pedagógica e na vida dos educandos, se forem devidamente orientadas, bem como se forem politicamente valorizadas na formação dos educadores.

Objetivando conhecer a realidade das turmas, bem como a relação que se estabelece dentro da sala de aula e que envolvem a proximidade de educadores e alunos no cerne da questão relativa ao uso do aparelho celular no ambiente educacional, bem como essas parcerias ou contratos sociais se dão, buscou-se investigar nas classes de 6ª série, onde as crianças estão na idade de transição entre infância e adolescência, aplicando especialmente questionários com perguntas objetivas, de múltipla escolha e questões fechadas, para destacar informações a respeito de qual a frequência do uso, quais as habilidades de manuseio, para quais fins se utiliza o aparelho celular em sala de aula.

Após a aplicação dos questionários possibilitou-se então, traçar um perfil da relação entre professores e alunos, para compreender os interesses de cada um no processo ensino aprendizagem utilizando a ferramenta. Além disso, convencionou-se também verificar o grau de conhecimento dos sujeitos sobre a habilidade em utilizar o aparelho celular de maneira geral, assim como seus recursos e facilidades para a aplicabilidade de forma a contribuir para incentivar e tornar-se um atrativo a mais dentro das salas de aula.

O critério adotado para a escolha da referida escola, se deu principalmente pelo fato de tratar-se de uma escola particular, onde nove em cada dez alunos possuem celular dos mais variados modelos e configurações avançadas possíveis, além da facilidade que eles têm em usá-lo para todas as funções disponíveis na máquina. Outro critério se dá ao fato de que a escola a princípio restringe o manuseio e utilização dos telemóveis dentro da sala de aula, baseada em resoluções adotadas por outros estados e municípios, até porque ainda não existe legislação nacional ou própria do Estado do Amapá que proíba definitivamente os celulares nas escolas.

Por outro lado, provar que é possível através de planejamento adequado e se devidamente orientado com atividades bem dirigidas, utilizar os celulares nas salas de aula, nas escolas e unir o útil ao agradável, fazendo com que ao passo que se libere a utilização dos telefones móveis nas escolas, porém se faça de maneira consciente, bem direcionada e com aplicação prática.

3.1 Um breve entendimento da realidade pesquisada sobre o uso do aparelho celular

Para procedermos à análise fez-se uma cuidadosa leitura de todas as respostas das entrevistas com os alunos, professores, gestores e corpo técnico da escola em um quadro analítico. De início descrevem-se as informações oferecidas pelas questões fechadas, em seguida organizamos as questões abertas dos alunos, professores, corpo técnico e gestores, de modo apresentá-las de maneira sucinta e preservando o conteúdo das respostas, bem como os relatos das observações, análise de documentos, descrição e discussão dos resultados.

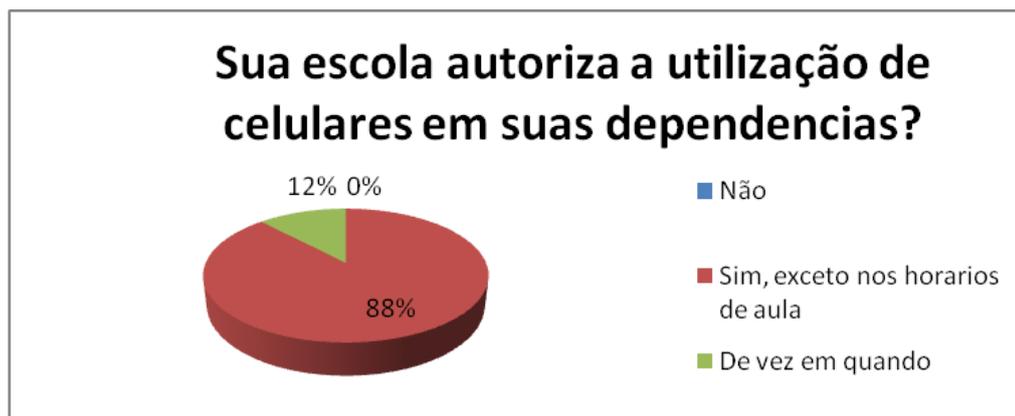
É importante ressaltar que na análise foram considerados os dados da pesquisa, associando-os aos principais conceitos da revisão da literatura sobre a temática, destacando e organizando os dados a partir dos objetivos específicos.



Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.
Gráfico 01

De acordo com a tabulação dos dados obtidos no gráfico 01, 100% dos entrevistados possuem aparelho celular. O que demonstra que cada vez mais os aparelhos estão nas mãos da maioria dos adolescentes e, o que mais incomoda aos professores e pais de alunos não é o fato da presença material do aparelho, mas que usam pouco os celulares para falar. Preferem mandar mensagens, interagir por meio de redes sociais, ouvir música, fazer fotos e vídeos, em momentos de estudo, de trabalho, de lazer e sono.

Outro fato analisado quanto ao uso do aparelho celular, de acordo com o gráfico nº 02 diz respeito a proibição do telefone celular em sala de aula e a facilidade da maioria dos adolescentes e jovens em driblar o veto facilmente e continuar usando os aparelhos nas escolas.



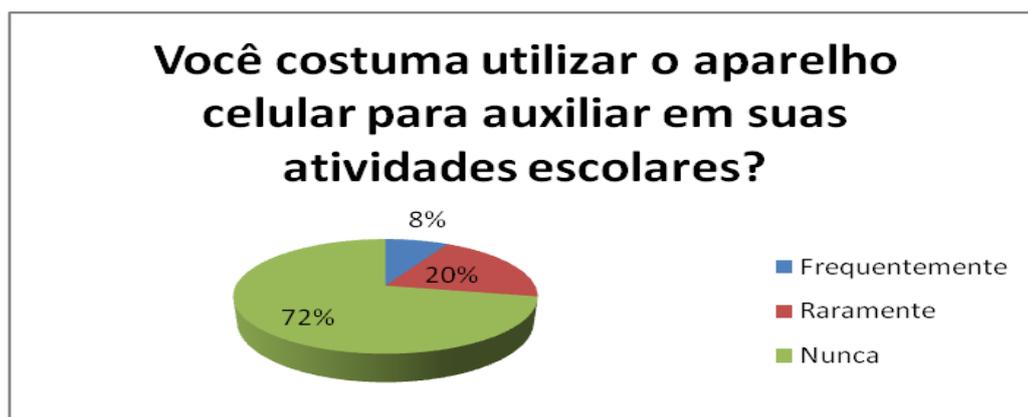
Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012
Gráfico 02

Conforme tabulação obtida a restrição do uso do aparelho celular prende-se na constatação dos professores quanto a dispersão dos alunos com a falta de atenção provocadas pelo uso dos telemóveis ou outros aparelhos eletrônicos na sala de aula. Na falta de leis ou normas (pelos menos seis Estados – Ceará, Rondônia, Pará, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo proíbem os telemóveis nas escolas com Leis Estaduais) , as escolas costumam se acerrar dos regimentos internos para vetar o uso dos aparelhos celulares em suas instituições.

Muitos dos regulamentos rechaçam a ideia subjacente de se considerar o telefone celular como um elemento de distração, pois 88% dos alunos utilizam os aparelhos exceto nos horários de aulas, ou seja, a resistência está no “como ensinar” o que eles já sabem e o que ainda é preciso ensinar e o que se pode aprender dentro desse mundo tecnológico. O desafio, portanto esta em transformar informações em conhecimento na prática docente. Quanto aos percentuais de 12% referem-se as chamadas de urgência que por ventura ocorra. São situações comuns da possibilidade de ocorrência de uma emergência, permitindo aos alunos o contato com os pais.

Outro aspecto analisado quanto ao uso do aparelho celular refere-se ao agrupamento de alunos nos corredores, pátio e biblioteca interagindo em ritmo frenético. São capazes de escrever e enviar mensagens tão rápido quanto ao volume de informações e usando apenas os polegares. O uso da internet está mudando, portanto a natureza da comunicação, afetando identidades e as relações. As emoções de uma grande alegria viraram caracteres que virtualizam o ato de rir. Tem afetado o desenvolvimento das estruturas sociais, afetivas e pedagógicas.

Ainda analisando o uso do aparelho celular na sala de aula, outro dado que impressiona e norteia a complexidade da escola em agir cognitivamente sobre essas informações, diz respeito a facilidade da maioria dos adolescentes e jovens com as mídias sociais e outro recursos virtuais em atividades paralelas ao que está na grade curricular ou na proposta pedagógica da escola.



Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.
Gráfico 03

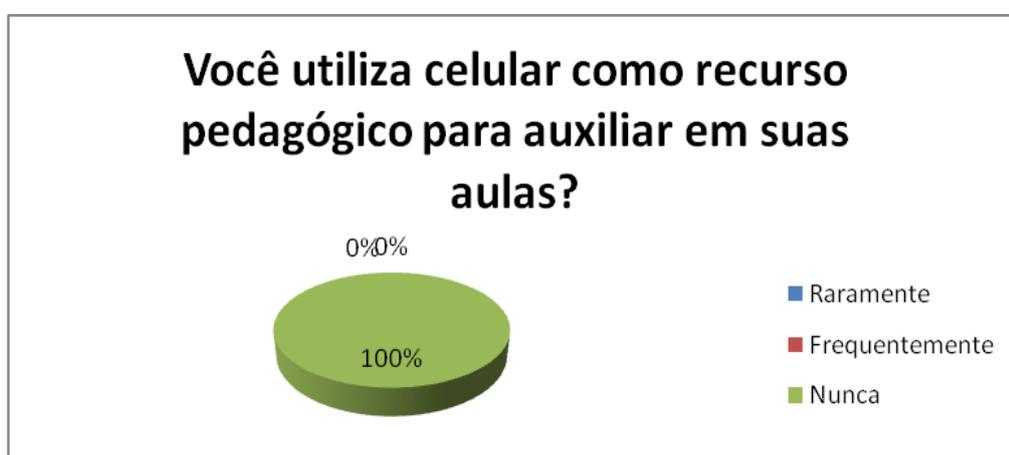
Conforme está demonstrado no Gráfico 03, percebe-se 72% dos entrevistados não utilizam as conexões possíveis do celular para subsidiar suas atividades escolares. E do restante do universo da pesquisa 20% raramente usa como ferramenta didática na realização das atividades de sala de aula e 08% frequentemente fazem uso do celular para esse fim.

Esses dados são perfeitamente compreensíveis num ambiente de aprendizagem com práticas usuais de ensino-aprendizagem pautado na transmissão e passividade do aluno. Estes, de cultura informatizada e um saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem, anseiam pelo aprendizado que explore todas as habilidades e potencialidades que conhecem pela web. Outra parte do universo pesquisado, cerca de 08% dos alunos fazem uso, esporadicamente, na pesquisa no *google*.

Desprovido de um espaço condizente com a era em que vivem, dos recursos do ambiente virtual que utilizam, preferem o uso da internet para outros fins que, ao contrario da proposta curricular e pedagógica da escola, abre possibilidades diversas de integração com outras pessoas conhecidas e desconhecidas através de chats,

MSN com mensagens instantâneas, facebook, Myspace que proporciona uma rede interativa de fotos e perfis de usuarios, *Orkut* com jogos e outras opções de diversão, *Twitter* que lhe permite enviar e receber atualizações em textos de ate 140 caracteres, *Youtube* que carrega e compartilha videos em formato digital e Blog que funciona como diário. Tudo em tempo real.

Tendo em vista o questionamento realizado com os professores sobre a utilização do celular como recurso pedagógico os gráficos seguintes visualizam suas afirmações quanto aos recursos virtuais como aliados da aprendizagem.



Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.

Gráfico 04

Conforme a amostragem dos dados do grafico 04, 100% dos professores afirmam que não usam o aparelho celular como ferramenta pedagógica. O objetivo fundamental do processo ensino-aprendizagem é a construção do conhecimento e ao se utilizar desse recurso tecnológico é preciso encontrar uma lógica diante de tantas informações ofertadas de maneira que não se perca o foco da educação e substitua o objetivo fundamental do ato de educar. É nesse contexto, que a inserção dessas tecnologias se torna confusa, pois diante de tantas conexões possíveis do celular os alunos podem perder-se, tendo dificuldade em escolher, gerenciar informações, fazer exposições inadequadas moralmente, relacionar-se e questionar afirmações problemáticas.

É possível entender os dados do grafico supracitado não pelo fato da formação e capacitação a cerca de novas tecnologias ou pela não sedimentação dessa formação, pois em ambos os casos, tanto os professores quanto os alunos

sabem a finalidade técnica dos recursos do ambiente virtual na escola ou fora dela e exploram esses diversos recursos dos telemóveis com muita destreza, mas não conseguem *aprender e ensinar* novas formas de *ensinar e aprender* usando *blogs, web, podcast, software* livres e outras ferramentas e/ou funções do telemóvel sem dispersar-se diante de tantas conexões possíveis, de endereços, de imagem e textos que se sucedem ininterruptamente, de acumular muitos textos, lugares e ideias que ficam gravados, impressos ou anotados.

A ideia subjacente é que o sucesso do uso desses recursos tecnológicos na educação não depende exclusivamente de uma infraestrutura adequada, de modelo bem planejado e de um investimento significativo na formação de recursos humanos, mas de propor uma intencionalidade pedagógica na utilidade técnica dos recursos disponíveis nos telemóveis. E isso pressupõe atender-se para a metodologia, reformular o conteúdo e a prática de ensino, e cabe, portanto ao professor explorar esses recursos tecnológicos com ênfase no conteúdo, não na ferramenta.



Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.

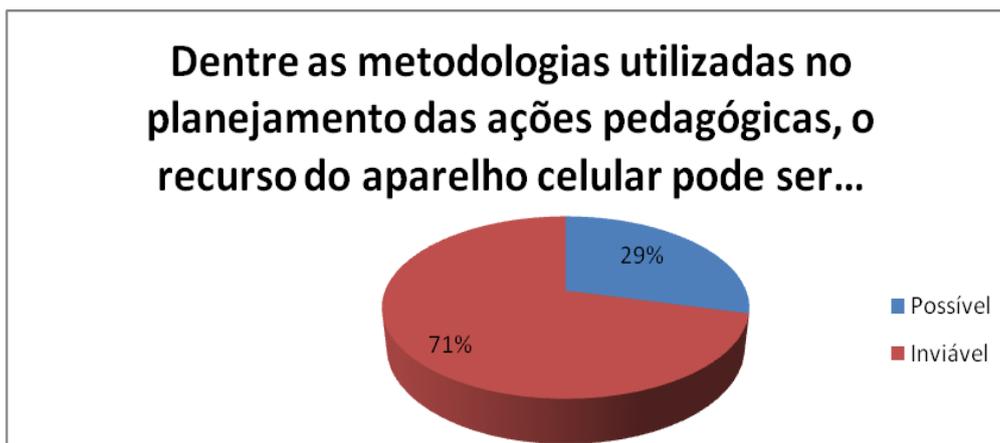
Gráfico 05

De acordo com o gráfico 05, 37% dos entrevistados utilizam o laboratório de informática para subsidiar suas atividades, 50% fazem uso do *data show* e 13% preferem os recursos da TV Escola. Observa-se que aulas com recursos tecnológicos são mais interessantes e que instigam a atenção e participação dos alunos envolvidos. O uso de meios que os alunos utilizam em sua vida diária facilita

a obtenção de informações, sendo que essas aulas pressupõem planejamento prévio. A maior parte dos especialistas defende a sua utilização como forma de suporte ao processo de aprendizagem desde que não seja utilizada como um fim em si mesmo e não sirva como chamariz para motivar os alunos.

Mas o que se observa nos dados tabulados quanto ao uso da tecnologia na educação citados pelos professores, principalmente na utilização do *laboratório de informática* (37%) é a atenção dispensada às redes sociais como ferramenta de ensino que obriga o aluno a ficar mais do que trinta minutos em frente ao computador. O ideal é o educando acessar o perfil do professor, obter ou compartilhar as informações necessárias. A internet pode estimular o aluno a adquirir o gosto pela pesquisa. Quanto mais rotineiro for o hábito de propor estudo pela internet, mais regularmente os alunos farão uso desses espaços para encontrar material de reflexão e para postar trabalhos. Se um professor tem um *blog* muito ativo, os alunos tendem a acompanhá-lo. Se há escolas que passam tarefas pela rede, os alunos e pais incluem o acesso em suas rotinas.

O recurso mais utilizado (50%) corresponde ao *data show* cuja função permite ao professor dinamizar suas aulas em virtude dos recursos de imagem e som. E os restantes dos entrevistados preferem os recursos tecnológicos da *TV Escola*, principalmente da exibição de vídeo e documentário.



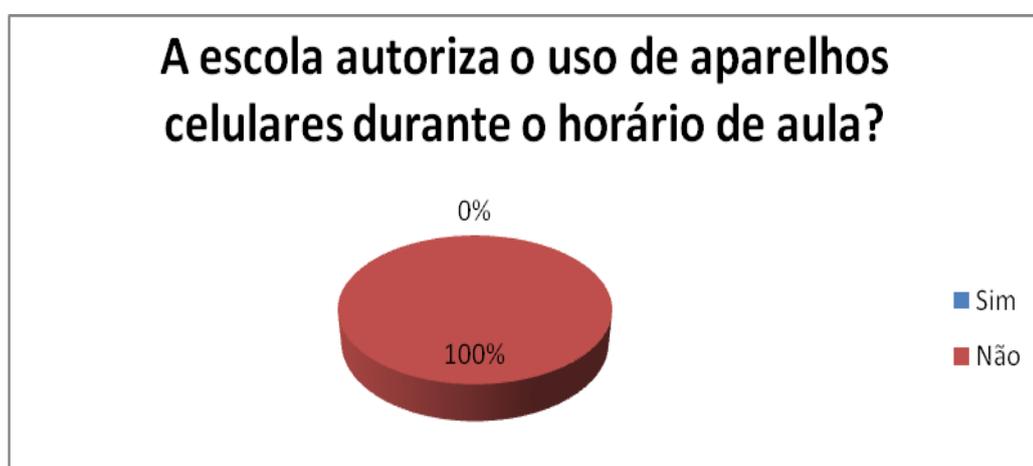
Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.

Gráfico 06

No gráfico 06 conforme nos mostram os dados, 29% dos professores demonstram que essa tecnologia é possível. Mas o seu alto índice de uso no ambiente escolar carece de normas e de esclarecimento sobre a ética de sua *práxis*, pelo fato de vivenciam a era da informação e do conhecimento que precisa ser investigado para que se possa estabelecer seu uso de forma ética nas salas de aula, visto que esta ferramenta está cada vez mais adentrando no universo escolar. Ou seja, afirmam a possibilidade pedagógica dos telemóveis, que é importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação online e off-line. Mas desde que, necessário se faça, a busca do verdadeiro conhecimento com o qual se justifique o uso dessa tecnologia como forma de agregar conhecimento no ambiente escolar.

Ao contrário, 71% dos professores entrevistados sobre a inclusão do celular como ferramenta pedagógica consideram que o uso da tecnologia digital disponível nos aparelhos móveis é hoje foco de apreensão e seu uso em sala de aula não possui critérios didáticos e nem orientação necessária que permita constituir uma intencionalidade pedagógica. Citam leis de outros estados brasileiros que promulgaram legislações que dispõem sobre a proibição do uso de telefone celular, disciplinando o seu uso fora do horário de aula.

Além disso, ressaltam que a instituição é responsável pela ferramenta tecnológica que disponibiliza para alunos e funcionários, bem como pelo uso que fazem delas e que qualquer incidente alcança a escola enquanto pessoa jurídica na esfera civil, seus gestores e até mesmos professores e alunos (pessoa física) na esfera criminal. E concluem “não se pode ficar refém, no processo de ensino-aprendizagem, do risco eletrônico que envolve essa ferramenta, ainda que se tenha critério e orientação”.

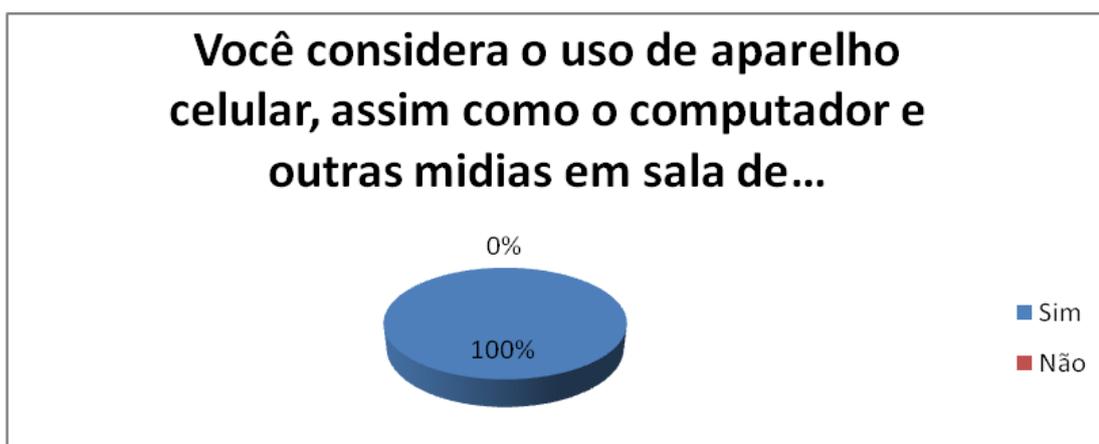


Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.

Gráfico 01

De acordo com o gráfico 07 que trata dos dados correspondentes ao corpo administrativo e técnico da escola, 100% dos entrevistados não autoriza o uso de celulares no horário de aula pelo fato de ser uma tecnologia de uso pessoal que não possibilita restrições técnicas e pedagógicas que possam assegurar a qualidade do que se ensina e aprende.

E por ser um recurso perfeitamente substituível pelo computador, no qual as restrições são mais controláveis e que possibilita a realização das funções dos celulares no próprio laboratório de informática, disponível na escola. Além disso, salientam que a escola não está alheia às redes sociais que já fazem parte do dia a dia da maioria dos alunos, inclusive crianças e adolescentes, que é possível usá-las e que não há motivo para proibir, o que se restringe é o uso do aparelho celular no momento de aula.



Fonte: Escola Grupo Perspectivas Construtivas, 2012.

Gráfico 08

A princípio o dado do gráfico 08 demonstra certa contradição se comparado com o gráfico anterior, pois 100% dos entrevistados afirmam que o uso de celulares assim como outras mídias em sala de aula, melhora, facilita ou auxilia o trabalho docente. No entanto, durante o processo de entrevista, o corpo técnico e administrativo ponderou que é possível o uso dessas ferramentas como aliados da aprendizagem, não necessariamente, *in lócus*. Em outras palavras, é possível aproximar o mundo virtual da sala de aula, ou seja, o professor poderia usar o seu momento de preleção para assessorar, propor dicas, comentar o que eles produziram sensibilizando-os quantos aos limites e restrições do uso desses recursos como ferramenta pedagógica. Como se fosse uma extensão da aula nos momentos a *priori* e *posteriori* da prática docente.

Dessa forma, a ferramenta seria utilizada do mesmo modo como se utiliza um telefonema no momento de dúvida, de aviso de realização de trabalho e/ou comunicação de ausência na possível infrequência na aula. Grosso modo, a intencionalidade pedagógica se resumiria na utilização dos meios disponíveis das redes sociais da telefonia móvel e não no aparelho em si.

3.2 – Um exemplo de planejamento, conteúdos e atividades didáticas.

No material que se apresenta a seguir, aparecem, de forma sistemática, as atividades que se propõem para a unidade didática Redes Sociais. São exercícios

correspondentes as outras áreas de conhecimento somente contemplado aqui com a finalidade de que alguns conhecimentos sejam destacados e generalizados, sem pretender com isso esgotar todos os conteúdos que compõem tais áreas.

Tabela 01: Tema Transversal: Ética e Cidadania.

Áreas Curriculares	Unidade Didática: Redes Sociais	Objetivo da área de estudo	Procedimentos e atitudes	Critérios de avaliação	Orientações Didáticas
Tema transversal: ética e cidadania	- Vida afetiva e relações interpessoais.	- desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação; - repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais;	- evidenciar a diversidade de desejos individuais expressos nas redes sociais que sobrepõe às relações interpessoais e afetivas; - sensibilizar para rejeitar as desigualdades sociais e os estereótipos presentes nas redes sociais que afetam o desenvolvimento da vida afetiva;	- atitude de repúdio a todo estereótipo estigmatizador de indivíduos e grupos étnicos e culturais que compõem a sociedade brasileira. - capacidade do aluno a compreender, respeitar e a valorizar a diversidade sociocultural.	- propiciar ocasiões em que a turma possa criar, em conjunto, suas próprias “expressões culturais”. Criando símbolos coletivos da turma na qual discutiram o que é relevante para eles, que valores e objetivos compartilham.

Procedimentos Metodológicos da Unidade Didática: as redes sociais (Mural virtual)

A atividade começa com a preleção de que o produto cultural de um grupo não pode ser tratado como um fato isolado. Cada manifestação social e interpessoal fala diretamente do grupo que a produziu, de relações entre a visão de mundo, hábitos, costumes e valores da cultura à qual pertencem. Foi apresentados slides de situações em que se manifestem preconceitos, seja por atitudes explícitas, incluindo verbalização, seja por gestos e expressões que não podem ser ignoradas. Situações em que a relação familiar, de laços sanguíneos, de vínculos e parentesco desvirtuam a relação doméstica entre os seus membros pela individualidade em si e inversão de

valores que exigem sensibilidade. Após preleção, seguiram-se os seguintes passos pedagógicos:

1. Conversa com os alunos sobre o mundo virtual e questionamentos de quem tem acesso e se gostam da comunicação pela internet etc.
2. Foram abordados os sites de relacionamento e listados os mais citados pelos alunos.
3. Aproveitou-se pra listar também os pontos positivos e negativos dos sites de relacionamentos, assim como os cuidados que devemos ter ao nos comunicarmos com pessoas ainda desconhecidas
4. Foi proposto transformar o espaço virtual em uma realidade, dentro de sala de aula, para que todos se conheçam melhor. Usou-se a dinâmica do barbante para facilitar a socialização, o entrosamento, além de poder conhecer mais a fundo os gostos, preferências, necessidades e interesses do grupo em que a classe foi dividida.
5. Em seguida ofereceu-se um perfil para cada aluno completar, tendo como base a dinâmica anterior.
6. Com todos os perfis prontos, organizou-se a apresentação feita pelos próprios alunos. Na qual foi proposto que o grupo adivinhe de quem é o perfil.
7. Fixado os perfis no mural, montou-se a rede de amigos.

A atividade pode ter continuidade em outras aulas, com a criação em conjunto de comunidades de interesses da classe ou baseados nas diferentes disciplinas. Vale permitir que os alunos se apresentassem aos colegas por meios de fotos, vídeos e músicas preferidas para formar um novo mural com as preferências da classe.

Tabela 02: Língua Portuguesa, Literatura e Artes.

Áreas Curriculares	Unidade Didática: Redes Sociais	Objetivo da área de estudo	Procedimentos e atitudes	Critério de avaliação	Orientações Didáticas
Língua Portuguesa, Literatura e Artes	<ul style="list-style-type: none"> - minicontos. - história em quadrinho. - desenho e escrita nas histórias em quadrinhos. 	<ul style="list-style-type: none"> - criar, com objetividade, minicontos. - criar um idiccionário - publicar tirinhas com certa periodicidade no blog da turma, enfatizando conteúdos ou situações que possam ilustrar o cotidiano de sala de aula; - articular o uso de sistemas gráficos diferentes: o desenho e a escrita; 	<ul style="list-style-type: none"> - Publicação no Facebook minicontos com 150 a 200 caracteres; - criação de um idiccionário, adicionando de 03 a 04 palavras difíceis com respectivos sinônimos. - publicação, periódica de histórias em quadrinhos, com tiras de 03 a 04 quadros no blog da turma. - uso articulado de desenhos e escrita nas tirinhas nas histórias em quadrinhos. 	<ul style="list-style-type: none"> - espera-se que o aluno produza textos respeitando as características próprias do gênero: conto utilizando 150 a 200 toques; - crie um dicionário personalizado - produza história em quadrinhos, utilizando tiras de 03 a 04 quadros. - crie desenhos ou fotocópias dos personagens em histórias em quadrinhos. 	<ul style="list-style-type: none"> - quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhe permita recriar, criar, recriar as próprias criações.

A atividade começa com a preleção de que é importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura.

Uma das formas de trabalhar a criação de textos são as oficinas ou ateliês de produção. Uma oficina é uma situação didática onde a proposta é que os alunos produzam textos tendo à disposição diferentes materiais de consulta, em função do que vão produzir: outros textos do mesmo gênero (contos), dicionários (no caso do dicionário), jornais, gibis ou revistas.

Portanto, houve situação didática em que os alunos obtiveram contatos com diversas fontes de pesquisas. Em relação às histórias em quadrinhos, optou-se pelas tiras da Malvada. Após preleção, seguiram-se os seguintes passos:

Blog da turma

1. Preparou-se um blog da turma no qual os alunos participaram de todo o processo, desde a escolha do servidor, visual, tipo de fonte e nome do blog.
2. Incentivou-se que a turma produzisse minicontos e a pesquisar assuntos que poderiam ser interessantes para abordar.
3. Estimulou-se a pesquisa e a interação com os outros autores e ilustradores, através de sites de relacionamentos e pesquisa no Google.
4. Sugestionou-se a pesquisa e relacionamentos com Edson Rossatto, autor do projeto Cem Toques Cravados (www.cemtoquescravados.com);
5. Preferiu usar temáticas do cotidiano.
6. Após revisão, a turma passou a publicar os nanocontos.
7. Organizaram-se plano de trabalho, oficinas, pesquisas e outras atividades, para que os alunos pudessem pesquisar no próprio blog.

O blog é uma ferramenta importante e traz a opção de avaliar, inserir e substituir conteúdos a qualquer hora, além de receber comentários e sugestões que estimulam a troca de experiências.

Tabela 03: Ciências Naturais

Áreas Curriculares	Unidade Didática: Redes Sociais	Objetivo da área de estudo	Procedimentos e atitudes	Critério de avaliação	Orientações Didáticas
Ciências Naturais	- Água: variação de temperatura e as propriedades organolépticas	- identificar os processos de captação, distribuição e armazenamento de água, relacionando-os com as condições necessárias à preservação da saúde.	- pretende-se que o aluno por meio de atividades experimentais realizem vídeos através de seus celulares que identifiquem a presença da água em diferentes espaços terrestres e no corpo dos seres vivos e que as trocas de calor entre água e o meio tem como efeito a mudança de estado físico, sendo capaz de explicar o ciclo da água na natureza.	- relacionar as mudanças de estado da água às trocas de calor entre ela e o meio, identificando a amplitude de sua presença na natureza, muitas vezes misturada a diferentes materiais.	- por meio de atividades experimentais, os alunos podem estabelecer a relação entre troca de calor e mudanças de estado físico da água, concluindo pela idéia de transformação, pois o que muda é a forma como se apresenta, o seu estado físico; a causa dessa mudança é a troca de calor entre a água e o meio. É possível através dessa verificação, bem como por intermédio de alguns processos simples de separação de misturas, filtração da água lodosa, decantação, evaporação e condensação da água de sucos vegetais também constituem de discutir as possibilidades de muitos materiais dissolverem-se na água.

Procedimentos Metodológicos da Unidade Didática: as redes sociais (Grupo de compartilhamento)

A atividade começa com a preleção de que a água na natureza se encontra misturada a outros materiais: o mar é uma mistura de água, vários sais e outros componentes; o suco vegetal contém água misturada a vitaminas, sais minerais e outras substâncias; o sangue, a urina e o suor são misturas de água com diferentes materiais. Em seguida, através de experimentos de alguns processos simples de separação, decantação, evaporação e condensação, e ao verificarem que diferentes materiais podem estar dissolvidos na água, os alunos entram em contato com o fato de a água ser um solvente. Ao mesmo tempo, tal verificação suscita dúvidas que são esclarecidas à medida que os alunos conhecem as propriedades ou características da água por meio dos experimentos. Após preleção, experimentos realizados e documentados em vídeo do aparelho celular, seguiram-se os seguintes passos:

Grupo de compartilhamento

1. Criação de um grupo de compartilhamento, ou seja, um grupo de troca que poderá ser encontrado no *Yahoo* ou *Gmail*.
2. Como será necessário que cada aluno tenha um *e-mail* de contato, pois a comunicação entre os membros do grupo será feita por meio dele, realizou-se através do laboratório de informática conectado a Internet a criação de e-mail dos alunos desprovidos desse recurso. Optou-se por Gmail, após consulta coletiva do grupo.
3. Escolha dos alunos do nome e da ilustração para representar o grupo foi através da realização de um concurso, em que todos os alunos participaram.
4. Também foram discutidos as regras e os combinados que serão ou não permitidos compartilhar e como serão feitos.
5. As regras foram inseridas na página do grupo para que todos possam sempre lembrá-las.
6. A participação ativamente do grupo é interessante a medida que estimula a autonomia a pesquisa, troca de experiências e opiniões, enviando fotos ou vídeos de diferentes momentos da realização dos experimentos da pesquisa e outros momentos do convívio escolar.

Dessa forma, o advento das tecnologias eletrônicas na cultura contemporânea conduz a uma frutífera reflexão sobre a questão da virtualização dos saberes, circunstância própria da era da informática na qual, de uma maneira geral, estamos todos inseridos. Certamente, jamais encontramos tanta facilidade para a divulgação imediata de conteúdos tal como atualmente existe no sistema informático, circunstância que, interpretada por um viés otimista, representa uma democratização do processo de criação intelectual e sua conseqüente difusão pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas instituições de ensino têm incorporados em seu contexto a utilização dos meios de comunicação e tecnológicos, acreditando serem eles recursos facilitadores do trabalho docente. Mas receiam quanto à utilização do aparelho celular e suas funções cada vez mais sofisticadas, mesmo reconhecendo que aluno não encontra tanta dificuldade como ocorre processo de ensino-aprendizagem e nem diferença entre a escola e seu cotidiano, na sua utilização.

Se esse fato já é significativo para o reconhecimento da tecnologia na escola, há de considerar que tais práticas precisam avançar para que exista uma reflexão qualificada, contextualizada e sistematizada da realidade. Nela, a comunicação não só dispõe sua presença, como define, de certo modo, o perfil da sociedade contemporânea. E essa reflexão exige que o debate sobre a mídia e seus meios tecnológicos de comunicação móvel ou virtual seja apropriado nos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino. Ou seja, introduzir no cotidiano do trabalho docente as linguagens das mídias e das funções que comportam os telemóveis como objeto de estudo e de reflexão por parte de gestores, alunos e professores.

Evidentemente que não se advoga que a escola se mire na tecnologia ou se transforme num gênero híbrido que resulte de um tipo de imitação da mídia dentro da escola. Mas que se reconheça que tais inovações desempenham um papel importante no processo de ensino-aprendizado no que concerne a concentração e participação dos alunos, além de oportunizar formas diversificadas no repasse de conteúdos.

Outro ponto importante refere-se aos professores que necessitam está atualizado com as novas técnicas que os recursos tecnológicos precisam para serem manuseados. Ou seja, exige-se uma formação tecnológica de dentro e para dentro do próprio pensar-fazer da prática de quem ensina e aprende. Dito de outro modo, o uso das respectivas mídias e o bom uso pedagógico desses meios se faz necessários que o professor perceba os limites e as possibilidades destes, a fim de que possa fazer um trabalho que desenvolva a aprendizagem dos alunos.

Diante de tantas implicações relacionadas ao tema sobre o uso de aparelhos celulares nas escolas, mais especificamente dentro do espaço mais intrigante e

impactante para os níveis de conflitos, percebemos ao longo deste trabalho, em especial no que se refere ao ponto de vista dos interessados, que a questão é tão abrangente, quanto complicada, pois os focos divergem quando se trata dos níveis de comprometimento aos assuntos a serem abordados.

Por outro lado, é importante ressaltar que de acordo com os dados levantados e das literaturas utilizadas como referências para embasar este trabalho, as respostas produzidas nos questionários forçam algumas teorias sobre o controverso do emprego de aparelhos celulares em sala de aula.

Primeiramente considera-se o fato de que o instrumento da discórdia como pode ser considerado o telemóvel, pois o fim para o qual foi criado nas mãos dos jovens estudantes deixou de ter sua aplicação prática que seria especificamente falar a distância com alguém e passou a ser ferramenta de transferência de mensagens de diálogo curto, com palavras abreviadas e interações nas redes sociais, etc. Tudo isso seria perfeitamente aceitável e compreensível, não fosse o fato de que os adolescentes insistem em usá-lo exclusivamente em ambiente de escolar, mais precisamente em sala de aula, onde deveria ser bem aproveitado, uma vez que se tornou uma “praga” quase que inseparável das mãos de alunos nas escolas, até parece que faz parte do corpo dos alunos.

Outro dado da pesquisa está no fato de que as instituições escolares e entre elas a pesquisada, não restringem a permanência de aparelhos celulares em suas dependências, porém o cerne da questão não é proibir, mas encontrar uma aplicação para o instrumento em si, pois independente de se autorizar ou não a permanência de celulares nas escolas é o que menos interessa aos alunos, pois eles sempre encontram um meio de burlar a “segurança” e contrariar as regras e normas da escola.

É nessa perspectiva que este trabalho defende a tese de que a questão dos meios tecnológicos da comunicação como suporte pedagógico é menos falar de meios e mais de mediação. Da intencionalidade pedagógica do que de sua finalidade técnica. De entender que a apropriação e usos dos bens produzidos pela mídia passa pela compreensão de que tal processo ocorre de forma mediada pelo contexto cultural em que ela ocorre.

Em geral, percebe-se o que os alunos necessitam devido ao determinismo tecnológico e à concepção iluminista de educação, independentemente de suas possibilidades, de suas necessidades, é dos seus contextos de vida e de inserção

profissional. Avalia-se, portanto algumas inadequações do processo de ensino aprendizagem como dificuldades de aprendizagem ou como resistências às inovações tecnológicas e pedagógicas quanto à inclusão das (inovações tecnológicas) telefones móveis.

De certo que transformar o discurso da inclusão dos telemóveis em prática educativa não é fácil, pois implica em rever verdades que construímos ampliar percepções, deslocar processos já estabelecidos, enfim, ouvir o outro, dialogar com os contextos profissionais e pessoas nos quais os sujeitos estão inseridos. Além disso, é necessário que o sistema de ensino-aprendizagem proposto pela escola, ofereça mediações pedagógicas que possibilitem o acesso à informação e a comunicação por meio de estratégias de interação das diversas mídias.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O prazer da leitura. 2001.** Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br>
- ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular), Professor Digital, SBO, 13 jan. 2010.
- CAMPBELL, S. Percepções de telefones celulares nas salas de aula da faculdade Communication Education, Universidade do Kansas. Comunicação Educação. 2006. 55 (3), 280-294. Disponível em: <<http://www.informaword.com>>. Acesso em: 12/09/2010.
- CORTÊS, H. **A importância da tecnologia na formação de professores.** Revista Mundo Jovem, Porto Alegre, nº 394, março de 2009, p.18.
- CYSNEIROS, Paulo Gileno. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? 1999. Disponível em www.colombiaaprende.edu.co/html/mediateca/1607/articles-06213_archivo.pdf. Acesso em: 12 abr. 2009.
- FREIRE, P. A Pedagogia da Autonomia. São Paulo, Paz e Terra, 1996, reedição 2008. Disponível em: portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/.../Pedagogia_do_Oprimido.pdf. Acesso em: 20/09/2010.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você quer saber sobre a mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- ILICHT, Ivan. **Sociedades Sem Escolas.** São Paulo: Vozes, 1977.
- IMBERNÓN, F. (Org.) **A educação no século XXI.** Porto Alegre: ARTMED, 2000 p. 80. *Op.cit.* (2000, p.85).
- LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.
- MASETTO, Marcos; MORAN, José; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.
- MEC. **Cadernos da TV Escola, Livros etc...** Brasília: MEC/Seed, 1996.
- MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2000. 133p.
- MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias.** Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran>>. Acesso em 05 de dezembro de 2009.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**.(Trad. De Catarina E.F. da Silva e Jeanne Sawaya). 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NÓVOA, Antonio (Coord.). **Os professores e sua formação** – temas educacionais/ Lisboa: editora nova enciclopédia. 1992

PERRENOUD, P. Pedagogia Diferenciada. Das Intenções à Ação. Porto Alegre: Artmed Editora (2000. p 34.)

PHEBO, A.G. **O Celular Como Material Didático**. Disponível em: Disponível em www.aphebo.webnode.com//. Acesso em: 10 jun 2010.

PRENSKY, M. Que você pode aprender a partir de um telefone celular? Quase anything **revista de educação** online, 2004. Em :www.elearningsource.info/.em: 24/10/2010.

RISCHBIETER, Luca. **Os inimigos da infância**. São Paulo: Folha de São Paulo. 26 de julho 2009.

SOUZA, R. A. (2009). Comunicação mediada pelo computador: o caso do chat. In: In: C. V. Coscarelli (ed.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3. ed. 111-118. Belo Horizonte: Autêntica.

TEIXEIRA, G. M. **Compromisso com a educação**: humanismo, paixão e êxito / Geraldo Magela Teixeira. – 1.ed. – Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008. 272p. (Coleção Obras em Dobras)

APÊNDICES

Roteiro de entrevistas aplicados aos alunos, professores, administradores e coordenadores

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com alunos

Prezado Estudante!

Estou realizando um trabalho de conclusão de curso, sendo que por intermédio deste questionário você poderá contribuir para um aprimoramento das informações a serem inseridas no contexto. Conto com sua colaboração no sentido de responder este breve questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

Responda este breve questionário sobre o uso de tecnologias como o aparelho celular nas escolas e em sala de aula.

Agradeço sua colaboração

Curso de Especialização em Mídias – UNIFAP

1. Você possui aparelho celular?

- Sim
- Não

2. Sua escola autoriza que utilize telefones celulares em suas dependências?

- Sim
- Não
- De vez em quando
- Em horários de aula

3. Você usa o aparelho celular para auxiliar em suas atividades escolares?

- Raramente
- Frequentemente
- Nunca
- Sempre.

4. Caso utilize, aponte os recursos utilizados com mais frequência:

- e-mails
- Sites de busca e pesquisa, exemplo: Google
- Sites de relacionamento (MSN, Facebook, *MySpace*, *Twitter*)
- Jogos

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com professores**Prezado Professor!**

Estou realizando um trabalho de conclusão de curso, sendo que por intermédio deste questionário você poderá contribuir para um aprimoramento das informações a serem inseridas no contexto. Conto com sua colaboração no sentido de responder este breve questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

Curso de Especialização em Mídias – UNIFAP

Professor (a): _____

Matéria(s) que leciona: _____

Quantos de magistério? _____

1. Você utiliza aparelho celular?

Sim

Não

2. Você utiliza celular como recurso pedagógico para auxiliar em suas aulas?

Raramente

Frequentemente

Nunca

Sempre

3. Que recursos tecnológicos são utilizados como suporte pedagógico na sua prática docente?

R.: _____

4. Dentre as metodologias utilizadas no planejamento das ações pedagógicas, o recurso do aparelho celular pode ser uma ferramenta possível ou inviável?

R.: _____

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista da administração direção e Coordenação Pedagógica.

Caros colegas,

Estou realizando um trabalho de conclusão de curso, sendo que por intermédio deste questionário você poderá contribuir para um aprimoramento das informações a serem inseridas no contexto. Conto com sua colaboração no sentido de responder este breve questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

Curso de Especialização em Mídias – UNIFAP

1. A escola na qual trabalha, autoriza o uso de aparelhos celulares durante o horário de aulas?

() Sim, apenas para atividades de caráter pedagógico

() Não, para nenhum tipo de atividade.

() As vezes, sob a orientação do professor

() Em hipótese alguma

2. Você considera que o uso de aparelho celular, assim como de computador e outras mídias em sala de aula, melhora, facilita ou auxilia o trabalho do professor?

() Sim, porque é um atrativo para o aluno, pois já tem habilidade no uso

() Não, pois não contribui em nada no trabalho do professor

() Talvez, se for corretamente orientado;

() Possivelmente, desde que ambos saibam manuseá-lo

3. Aponte os prós e contras do uso do aparelho celular pelos alunos dentro da escola:

R

4. Na sua opinião, quais os mecanismos que podem ser utilizados para facilitar/auxiliar o trabalho do professor, usando o aparelho celular em sala de aula com os alunos?

R - _____